

# DO QUILOMBO À ESCOLA: OS EFEITOS PERVERSOS DAS VIOLÊNCIAS SOCIAIS SILENCIADAS

BAIBICH-FARIA-Tânia Maria – UFPR  
tbaibich@terra.com.br

SOARES, Edimara Gonçalves – UFPR  
[edimarasoares@yahoo.com.br](mailto:edimarasoares@yahoo.com.br)

Área Temática: Fatores, manifestações e relações sociais no espaço.  
Agência Financiadora: CAPES

## **Resumo**

Esta pesquisa foi realizada com sujeitos que transitam por espaços sociais distintos: Quilombo e Escola - ambos entendidos como espaços que nos quais se dá a construção da identidade das crianças negras quilombolas. O objetivo central da pesquisa é investigar o que provocam na identidade das crianças negras quilombolas, as violências racistas manifestadas na Escola. Também buscou-se analisar a percepção das crianças sobre as violências racistas relacionando-as com sua auto-percepção estética. Dessa forma, a problemática central desta pesquisa consiste em mostrar a complexidade das violências racistas na Escola e seus corolários para quem é vítima delas. Da mesma forma, buscou-se verificar se os ataques geravam também ataques das vítimas contra si próprias. A opção metodológica demandada pelo objeto de estudo desta pesquisa foi a pesquisa qualitativa, considerando que era preciso imergir na subjetividade dos sujeitos, buscando perceber os sentidos e significados das situações vividas por eles/as. Percebemos que o sentimento de negação ao Quilombo está diretamente relacionado com as violências racistas sociais, pois dizer-se quilombola é assumir uma pertença duplamente desprezada, é assumir-se desvalorizado, inferiorizado. Assim, as crianças adentram o espaço escolar carregando uma identidade fragilizada, e são constantemente perseguidas e atacadas em suas características inerentes. A Escola ignora o sofrimento dessas crianças diante da inferioridade que lhes é imputada pelos Outros (sujeitos brancos que nutrem sentimentos e atitudes discriminatórias em relação a população negra). Assim, mediante suas falas e seus olhos cheios de lágrimas as crianças revelam que carregam uma identidade que não vive, mas sim, sobrevive. Revelam também que esta sobrevivência é nutrida com as forças do mais profundo desejo de abandonar a condição de ser, visto que essa é talvez a única, e também a última e trágica estratégia encontrada como mecanismo de defesa, diante da cruel e dolorida perseguição a pertença étnica (negra e quilombola).

**Palavras-Chave:** Violências racistas; Identidade da criança quilombola; Escola.

### **Palavras Iniciais...**

O Brasil por mais de 3 séculos, foi um país mantido pelo sistema escravista, e o último a abolir a escravidão (Cavalheiro, 2001). Esta desprezível característica formatou o contexto sócio-histórico e cultural da nação brasileira e inscreveu suas marcas na memória e vivência da população negra, cuja violência concreta e invisível foi uma constante, corroendo a carne e alma da população negra. Durante o período colonial e imperial a população negra foi reduzida a condição de “peça” de negócios lucrativos, portanto, há estreitos vínculos entre capitalismo e escravidão. Nestes períodos a resistência a escravidão ocorreu de diversas formas, sendo, a fuga em grupos, em pares ou sozinhos uma das formas bastante significativas, cujo símbolo máximo são os quilombos.

Mas é no período pós-abolição e republicano que a população negra foi sistematicamente discriminada e empurrada para as margens da sociedade, pois, representava uma ameaça latente à classe dominante que os via como cidadãos indesejados, como empecilho ao povo brasileiro idealizado. Diferentemente do que ocorreu nos Estados Unidos e na África do Sul, que criaram mecanismos oficiais para segregar e excluir a população negra, o Estado-brasileiro apoiou-se em estruturas sociais fundamentais, como a Escola, que contribuíram na legitimação e manutenção das violências racistas.

Nesse sentido, a Escola pode ser vista por dois ângulos distintos, isto é, como um espaço de reprodução, mas também, e principalmente, como um espaço propício à transformação da realidade a qual se encontra. É importante salientar que não é intenção deste trabalho, mostrar o espaço escolar como improdutivo para as crianças negras, nem rotular como um espaço onde somente sejam veiculados preconceitos e discriminações raciais, mas sim, apresentar e refletir sobre os fenômenos que ali se devolvem e assumem dimensões capazes de conduzir para a negação da própria natureza humana. Esta pesquisa foi realizado com sujeitos (crianças) que transitam em espaços sociais distintos – Quilombo e Escola- ambos aqui entendidos como espaços que possibilitam a construção da identidade para as crianças negras quilombolas, a identidade de uma permanente condição de pertencer a duas culturas, sentindo-se no mais das vezes, um estrangeiro em ambas.

Assim, não basta a Escola abrir seus portões para a entrada das diferenças (étnicas, religiosas de gênero, entre outras) ao mesmo tempo em que estigmatiza o diferente, no intuito de

sinalizar o que está dentro e o que está fora da normalidade, determinando que quem esteja fora seja esquadrihado em sua diferença, e estimulado a abandonar suas matrizes culturais, para se aproximar da idéia de um “igual”. Meyer (2006, p.51) nos relata a história de uma criança negra que não queria ir mais para Escola, depois de muitas conversas tanto por parte da mãe quanto da professora, a criança explicou a sua mãe que não queria mais ir para Escola porque, ali, ela tinha descoberto que não “podia ser anjo”. Conforme a autora “ao longo do tempo e nas diferentes sociedades e culturas ocidentais modernas, a Escola sempre esteve envolvida com a formação de determinados tipos de pessoas”.

Nesta perspectiva, o objetivo central desta pesquisa consiste em investigar o que as violências racistas manifestadas na Escola fazem com a identidade das crianças negras quilombolas, considerando que essa identidade já se encontra fragilizada pelas violências racistas externas a Escola.

### **Caminho Investigativo**

Nesta pesquisa buscou-se trilhar um caminho de investigação que tivesse como característica a coesão epistemológica entre a elaboração do objeto de estudo, o referencial teórico e os encaminhamentos analíticos.

A opção metodológica demandada pelo objeto de estudo desta pesquisa foi a pesquisa qualitativa, considerando que era preciso imergir na subjetividade dos sujeitos, buscando captar sinais, recolher indícios, perceber os sentidos e significados das situações vividas por eles/as para, quiçá, na etapa mais desafiadora do trabalho, favorecer com que respostas que haviam sido outrora trancadas, escondidas, camufladas, ou seja, fechadas em e para si próprios, pudessem emergir na fala das crianças, patentear-se.

O método de entrevistas utilizado baseou-se no método clínico-crítico piagetiano, visto que, conforme Dolle (1981, p. 40,).

o método clínico consiste em conversar livremente com a criança sobre um tema dirigido, em seguir, por conseguinte, os desvios tomados por seu pensamento para reconduzir ao tema para obter justificações e testar a constância, em fazer contra sugestões. Oposto as questões padronizadas, ele prefere, a partir de idéias diretrizes

prévias, adaptar tanto as expressões quanto o vocabulário e as próprias situações as respostas, as atitudes e o vocabulário do próprio sujeito.

Assim, à luz do método clínico-crítico e da abordagem qualitativa foi possível estabelecer com os sujeitos da pesquisa uma conversa livre, mas com um tema dirigido ou norteador.

O contexto investigativo foi uma Escola pública localizada no interior do Rio Grande do Sul, onde muitos alunos/as são provenientes de uma comunidade quilombola externa a Escola.

Foram entrevistadas quinze crianças negras quilombolas, no entanto, com duas delas, uma cursando a 1ª série e a outra a 2ª, não foi possível estabelecer um diálogo que ultrapassasse as respostas que ora eram *sim* ora eram *não*. A pesquisadora percebeu nessas crianças momentos de desassossego, bem como, a dificuldade de falar de si e da relação com os colegas, ainda que as respostas fossem sim/não foram longos minutos de silêncio. Diante disso, foram analisadas e categorizadas doze falas, sendo de quatro crianças cursando a 4ª série, quatro a 5ª série, três a 3ª, e uma a 2ª série. A técnica utilizada para a coleta de informações e construção dos dados foi a entrevista semi-estruturada, por permitir mostrar a opinião dos sujeitos sobre os fatos que aconteceram e que acontecem.

### **Encaminhamentos Teóricos**

Nesta pesquisa um dos conceitos pilares é o conceito de Auto-ódio, uma vez que conduz para compreensão de atitudes e comportamentos das crianças negras quilombolas vítimas do preconceito e da discriminação, que na perspectiva deste trabalho também são violências sociais silenciosas. O Auto-ódio é visto como uma decorrência quase que direta do mecanismo de defesa chamado de “identificação com o agressor” indivíduos pertencentes ao grupo que é vítima do preconceito e da perseguição identificam-se com os indivíduos do grupo dominante, assimilando inclusive os valores relativos à visão deturpada de seu próprio grupo, passando a manifestar, em diferentes níveis sentimentos e condutas desse mesmo preconceito.

O Auto-ódio é, portanto, compreendido como corolário da tentativa de defesa dos sujeitos vitimados por condições sócio-histórico-políticas e, portanto não há nenhuma intenção de carimbar os sujeitos da pesquisa como indivíduos que odeiem a si ou a seu grupo negro, mas

analisar e entender esse fenômeno do ponto de vista das relações desse grupo étnico e de seu papel na história, das conseqüências que as violências racistas geram na identidade da vítima.

Não menos, importante é o conceito de racismo, fenômeno que apresenta diferentes dimensões, ou seja, ideológica, cultural, biológica, institucional, entre outras. Conforme d'Appollonia (1998) o racismo é uma doutrina segundo a qual a espécie humana está dividida em *raças*, grupos específicos por seus caracteres físicos hereditários, cujo comportamento está ditado de forma prioritária, quando não exclusiva, por este determinismo biológico. Baseando-se neste determinismo essencial, o racista faz uma classificação para orientar um sistema de valores e atos, cujo fim último é legitimar a doutrina biológica. Neste sentido, o racismo é um pensamento circular que confere um caráter absoluto – mediante categorias biológicas – às diferenças evidentes ou supostas para justificar a submissão, a exclusão e às vezes, a eliminação do outro.

Nesta pesquisa interessa, sobretudo, a dimensão do racismo institucional, visto que atua no sentido de reduzir as oportunidades para um determinado grupo, através de práticas sutis de exclusão. Assim quando a Escola ensina que a história da população negra, é somente a história da escravidão, quando fomenta - através de seus recursos pedagógicos -, quais indivíduos são parâmetros de beleza e de inteligência, quando ignora o fato de muitas crianças negras serem severamente discriminadas, promove uma violência silenciosa, que paulatinamente torna-se uma muralha para afirmação identitária das crianças negras quilombolas. Essas crianças passam a se ver com os olhos daqueles/as que as vêem como seres diminuídos, inferiores, incapazes.

A concepção de preconceito adotada nesse trabalho é a mesma defendida por autores/as que o definem como um fenômeno universal presente em todas culturas. Assim, o racismo, o preconceito, a discriminação, são fenômenos socioculturais que permeiam a construção identitária, considerando que a identidade está diretamente vinculada a maneira que cada grupo ou indivíduo percebe a si próprio, a partir da percepção que tem de como um outro grupo ou indivíduo lhes percebem, não é, desta feita, um dado biológico, mas sim uma construção histórica, social e cultural.

### **Do Quilombo à Escola: violências sociais visíveis e invisíveis**

As crianças moradoras do Quilombo se sabem quilombolas, porém não se dizem quilombolas, negam que moram num Quilombo, expressam notável desconfiança quando perguntadas se moram num Quilombo. No entanto, se houver uma recompensa material, eles/as se afirmam quilombolas, e dizem morar nesse espaço, vale ressaltar, que das doze crianças entrevistadas, apenas três afirmaram morar no Quilombo, as demais no primeiro momento negam com muita firmeza este dado. Na perspectiva desse estudo a consciência de ser negro e quilombola não se limita a uma atitude de assumir essa condição, mas também a de rejeitar, de negar, pois a recusa em assumir esta condição, seja quais forem os motivos objetivos, subjetivos ou mesmo inconscientes, pressupõe antes reconhecer-se enquanto tal. No sentido dado, a negação é também uma forma de manifestação do sentimento do ser, porque não se trata de um não ser, mas de um não querer/poder ser o que o que é.

Nesse sentido, a negação da pertença é uma atitude que reflete aquilo que os sujeitos sabem de si e sabem do lugar que moram. As crianças dizem não morar no Quilombo, logo, afirmam morar e expõem os motivos pelos quais recusam essa pertença, entre os poucos/as que assumem, impera um retrato do Quilombo que quase nada mostra, trata-se de um retrato feito na penumbra, sendo em sua essência desvalorizado por todos. É importante ressaltar que estar à sombra ou na penumbra é também uma forma de mimetizar-se para defender-se do preconceito. Defesa, entretanto, que redundando em ataque, pois que se dirige contra a própria identidade e pertença.

O fato de poucos sujeitos dizerem que moram num Quilombo, parece advir de um dolorido esforço para encontrar, tateando quase no invisível, os retalhos de uma identidade esfarrapada, na tentativa de costurá-los, mostrando ao final uma colcha de retalhos, com aqueles considerados suficientes para garantir o reconhecimento. Uma luta entre retalhos e costura como define (FREUD, 1975, 149) em outras palavras, luta entre a fragmentação e a integração da identidade:

Fragmentação na tentativa, sempre vã, de poder escolher para ser apenas partes de si, por entender que este seria o caminho da aceitação de si pelo Outro; integração como forma de aplacar a ânsia de poder ser o que realmente é e o que está inexoravelmente inscrito em sua “arquitetura anímica”.

Para as crianças assumir a sua pertença, isto é, ser negra e quilombola é muito difícil dado o forte sentimento de solidão e estrangeirice que isto provoca. Assim, o fato de se dizerem negras e quilombolas é uma atitude muito corajosa visto que, assumir uma pertença duplamente desprezada, negra e quilombola, é assumir-se desvalorizado, assumir o que ninguém quer ser. Tais constatações podem ser observadas nas falas de duas crianças:

Não, eu não moro num quilombo. Ah, entendi. Eu moro no quilombo sim, mas eu não digo, ninguém diz que mora no quilombo. Por que quem mora no quilombo são os negros. Não me considero negro. Ah, tudo que é ruim é coisa de negro. Pra mim o quilombo não representa nada, nem gosto de lembrar que moro lá. Não sei explicar, é lugar que moram os negros.

Não moro num quilombo. Ninguém diz que mora no quilombo. Mas, eu moro num quilombo. Minha mãe fala que não é pra dizer isso para qualquer pessoa, porque vão chatear da gente, e não é só ela que diz isso, é as outras mães também falam. Já chateiam da gente por ser preto. As pessoas que não são pretas se acham superiores

Na primeira fala é possível observar que o sujeito vítima do preconceito e da discriminação, passa a rejeitar a si próprio, quando assume a imagem que os Outros têm de si, a imagem de um ser inferior, de um ser com traços fenotípicos que de longe, anunciam o quão desvalorizado é, pois alberga todas as atitudes indesejadas, mesmo as que não são suas, “tudo que é ruim é coisa de negro”. Uma criança com seus 10 anos de vida que consegue captar e expressar com muita nitidez a percepção que os Outros nutrem a respeito da sua condição étnica é presumivelmente uma criança que sente nos espaços por onde circula o profundo dilaceramento de referências que são suas, e isto, implica no processo de desvirtuamento da identidade individual e coletiva.

O sentimento de não-pertença ao Quilombo, que se reflete na forma de expressar o que esse lugar representa: “o quilombo não representa nada, nem gosto de lembrar que moro lá”, é o olhar para si próprio e para o lugar onde vivem e encontrar as marcas da exclusão, da rejeição, e da desvalorização, lembrar que mora nesse lugar é primeiramente lembrar de uma dupla condição

indesejada. A concretude da fragilidade identitária “eu moro no quilombo, mas eu não digo, ninguém diz que mora no quilombo”, com efeito, essa revelação não é simplesmente individual, mas uma revelação que carrega o coletivo, pois ao um só tempo diz de si e do seu grupo. Assim, se a identidade coletiva é fundamental para que se alicerce a identidade do *eu*, torna-se muito difícil construir uma identidade fortalecida.

Na segunda fala aparecem os ensinamentos sobre o lugar onde moram na direção de uma estratégia de defesa, portanto, a preocupação central consiste em colocar a pertença no ostracismo, visto que prevêm que sua visibilidade irá causar sofrimento, “minha mãe me ensinou que não pode falar pra pessoas estranhas que moramos no quilombo. Ela é muito desconfiada, pensa sempre que podem nos maltratar, nos ofender por morar no quilombo”. Trata-se de uma maneira de lidar com a pertença considerando fatos vividos em tempo passado e presente, sendo o futuro planejado com base nessas experiências de vida, pois percebem que é impossível mudar a direção dos ventos. Tal fenômeno é denominado por HOBBSAWN (2001) de atitudes “metereológicas” as quais podem ser individuais ou coletivas, de natureza consciente ou inconsciente.

Ao ingressar na Escola as crianças negras quilombolas vão percebendo que ao mesmo tempo em que são acolhidas naquele espaço, são excluídas, não somente pelo fato dos/as colegas atribuírem diversos apelidos pejorativos em relação a sua pertença, mas também porque a cultura escolar lida com as diferenças (étnica, gênero, etc..) como algo muito próximo de um defeito, quando não as assinala como um defeito, como algo fora da norma, e quando se trata de representações alusivas a etnia negra a diferença capturada sinaliza para um grupo caricato, desajeitado, um grupo desenhado estrategicamente para despertar risos e deboches, portanto, são representações ou histórias contadas que invalidam as auto-imagens dessas crianças. Assim, surge na Escola o desejo de mimetizar-se, a vontade de ser igual, ou parecido com aqueles/as que colocam apelidos sempre baseados nos traços fenotípicos como a cor da pele e a textura do cabelo.

No Quilombo também encontramos o fenômeno do mimetismo, trata-se de um tipo de mimetismo cuja causa primeira para que se constitua é uma necessidade concreta para a defesa, e, portanto, para o disfarce mas que, com o passar do tempo tem, no disfarce seu maior ataque para a própria identidade. Tal qual o aeroporto de Curitiba, que fica no município de São José dos



Pinhais, construído naquele local, durante a guerra, dado que ali há bastante neblina, neblina esta, que, nos dias atuais, constitui seu maior entrave. Assim, os quilombolas do Quilombo sem nome (forma especialmente inteligente para não chamar mais a atenção do Outro sobre si), aprendem e ensinam suas crianças a não ser quem são perante os Outros para evitar o ataque real e possível. O exercício de disfarce, sistemático e continuado durante anos, tal qual a neblina que esconde, acaba por esmaecer aquilo que tão disfarçado torna-se escondido até mesmo daquele que o esconde.

As violências racistas explícitas interferem diretamente na auto-percepção de estética das crianças negras. Assim, no espaço escolar, essas crianças relevam uma profunda tristeza e sofrimento, pelo fato de serem alvos de apelidos que as destituem da condição humana, por isso, nutrem o desejo de que se pudessem deixariam de ser quem são, para serem como aquelas livres de qualquer apelido perseguidor. Tais constatações podem ser observadas na fala de uma criança sobre sua auto-percepção de estética:

Não me acho bonita. Porque quem tem que achar bonita são as outras pessoas. Meus colegas não me acham bonita, porque os apelidos que eles colocam são feios eu sei que não sou aquilo, mas pra eles eu sou, suco de pneu, urubu, essas coisas. Se desse eu trocaria de cor e de cabelo, por que a cor branca é melhor, nenhum colega meu, branco tem apelido de cor e nem de cabelos.

Não me acho bonita. Se pudesse trocaria a cor da pele. Na verdade gostaria de trocar tudo, cabelo que fosse liso e comprido loiro, olhos azuis, pele branca. Ninguém valoriza a raça negra, meus colegas não me acham bonita, porque...[marcado por um profundo silêncio].

A estética esta visivelmente relacionada com olhar dos Outros colegas, os apelidos são o indicativo mais nítido de um ser destituído de beleza, ainda que conscientemente saiba que não é, os efeitos são maléficos e o processo de repetição parece adquirir legitimidade. Assim, ao mesmo tempo em que afirma saber que não é aquilo que dizem que ela é, não encontra referências que lhes garantam apoio e segurança para se defender e combater as atitudes discriminatórias, diante

disso, lhe resta desejar ser o que é considerado como padrão “nenhum colega meu, branco tem apelido de cor e nem de cabelos”, ou seja, é isenta de qualquer mácula na sua condição de pureza.

Cavalheiro (2001) salienta que na impossibilidade da criança negra ser o que é só lhe resta ser uma cópia da criança branca que é respeitada e recebida positivamente no espaço escolar, disso decorrem, os inúmeros casos de negação de seu grupo de pertencimento. “A cor branca é melhor”, visão que expressa a teoria do branqueamento, tal representação aparece ainda com bastante frequência entre nós nos dias de hoje, porém a expectativa parece não ser apenas de clareamento biológico, mas também social e cultural.

Na segunda fala novamente aparece o desejo “mudar tudo”, desejo semelhante ao do processo de metamorfose, que consiste numa mudança profunda e marcante pela qual passam certos animais na natureza. Aqui, nos sujeitos duplamente vitimados o desejo de mudança para outro estágio “o desejo de virar uma borboleta” é tão significativo e intenso quanto impossível e doloroso.

É interessante observar que se fosse possível trocar os traços fenotípicos as crianças os trocariam por aqueles traços que representam a imposição e supremacia de uma estética branca, “olhos azuis, cabelos louros, pele branca”, com efeito, é a representação da estética construído pelo Ocidente, tomando a si próprio como arquétipo da beleza e produzindo significados para todas as etnias não-brancas que diferem e se afastam dos valores produzidos para si. Assim, a cor da pele adquire um valor simbólico construído pelas/nas relações sociais e culturais ao longo dos tempos, e continua sendo um elemento de diferenciação entre os povos, sempre legitimando a superioridade para pele branca e inferioridade para pele não-branca, assim o “objeto da discriminação é ao mesmo tempo visível e natural-cor como signo cultural/político de inferioridade ou degeneração, a pele como sua identidade natural” (BHABHA, 1988, p.123).

As falas das crianças revelam que na escola também não encontram condições favoráveis para a construção de uma identidade positiva, pois são sistematicamente discriminados/as com apelidos e piadas em relação aos seus traços inerentes, e essa inferioridade paulatinamente torna-se aceita como uma verdade, ou seja, é a interiorização da inferioridade. A auto-percepção de estética das crianças expressa que o que entendem como beleza é aquilo que ela/as não possuem. Se consideram feias por não serem o gostariam de ser, em última análise, esse desejo é um recurso que funciona como uma forma de defesa, visto que são sempre perseguidos/as naquilo

que constitui sua essência humana. Nesse sentido, a captura do nome das crianças negras consiste numa das formas de manifestação da intolerância, onde tudo que é visto como uma ameaça é violentamente combatido.

Os apelidos expressam o desejo do grupo maior de manter a sua identidade grupal como a normal, desejável, positiva, para tanto, imputam ao grupo minoritário atributos depreciativos que desembocam num profundo e dolorido sentimento de inferioridade, os apelidos funcionam como armas destrutivas que dilaceram a identidade das vítimas, cujos efeitos podem desencadear a negação da própria natureza humana, pois o seu “*eu*” é diluído no caldeirão simbólico dos nomeados como animais e objetos. Os apelidos são uma forma explícita de dar nome a inferioridade. O que vai da crença na insensibilidade a “dor física, que seria própria dos africanos, à crença numa forma de insensibilidade afetiva em relação ao destino do próximo, à morte dos pais, dos filhos, recebida com indiferença, ou menos profundamente sentida”. (HÉRITIER, 2000, p.25).

### **Palavras Finais**

As violências sociais visíveis e invisíveis mostradas nessa pesquisa evidenciam a necessidade urgente de repensar a nossa sociedade e a nossa Escola, buscando valorizar e respeitar os diferentes grupos étnicos e suas culturas. Para tanto, considera-se de fundamental importância o conceito de “*poder da imaginação*”, desenvolvido por de Amóz Oz (2004) que enfatiza a necessidade das pessoas desenvolverem o poder de imaginar-se no lugar do outro, a necessidade de imaginarmos uns aos outros, de nos deslocarmos para o lugar do outro, entende-se que é imperioso despertar esse sentimento no espaço escolar aliando mente e coração e também na sociedade.

A Escola como local por onde circulam as diversas etnias deve se empenhar no combate de situações que resultam com naturalidade na produção e proliferação de violências racistas, que vai da humilhação a negação de ser humano. O que as crianças negras quilombolas revelam tanto em relação ao Quilombo quanto a Escola, são violências sociais que aniquilam sua identidade individual e grupal e numa tentativa desesperada de defesa elas buscam fugir, esconder, disfarçar, essa dupla condição (negra e quilombola) indesejada que lhes causa dor e sofrimento.

## REFERÊNCIAS

CAVALHEIRO, E. (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola.** São Paulo: Summus, 2001.

BHABHA, H. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

D'APPOLLONIA, A. C. **Los racismos cotidianos.** Espanha: Edicions Bellaterra, 1998.

DOLLE, J.M. **Para compreender Piaget: uma iniciação a psicologia genética piagetiana.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu.** Rio de Janeiro: Imago, 1975.

HÉRITIER, F. O eu, o outro e a intolerância. In: **A Intolerância.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

HOBSBAWN, E. **Sobre história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

LUDCKE, M. ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MEYER, D. E. Das (im) possibilidades de ver como um anjo. In: GOMES, N. L.; SILVA, P. B. G (Orgs.). **Experiências étnico-culturais: para formação de professores.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

OZ, A. **Contra o fanatismo.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.